

ETNICIDADES, (DES)RAZÕES DE AMAR E SABERES DO AMOR

Apresentação

Este dossiê reúne contribuições interdisciplinares que tratam o amor não como abstração universal, mas como fenômeno social, político e epistêmico, atravessado por marcadores de raça, gênero, classe e território. Organizado por Adilbênia Freire Machado (UFRRJ), Bete Figueroa (Unicamp), Débora Franco (Uerj), Luciana Pires Alves (Uerj) e Renato Nogueira (UFRRJ), o dossiê emerge de um contexto contemporâneo em que o amor romântico, tradicionalmente idealizado, encontra-se em crise — tensionado pelas altas taxas de separação, pela difusão de aplicativos de relacionamento e pela multiplicidade de arranjos afetivo-sexuais que desafiam a mononormatividade.

Ao propor reflexões sobre o amor enquanto campo de saberes e disputas, as pesquisas aqui reunidas desestabilizam concepções naturalizadas e iluminam práticas afetivas insurgentes que compõem uma verdadeira ecologia de saberes sobre amar e ser amado.

Abrindo o dossiê, o artigo *Notas sobre o Amar enquanto ferramenta potente na pesquisa* do psicólogo Irapoan Nogueira Filho propõe uma perspectiva metodológica afrocentrada, articulando a Biologia do Amar, a cognição negra e a psicologia preta. O texto defende que, em pesquisas realizadas por e para pessoas negras, o amor pode operar como força ética de implicação subjetiva e compromisso político com a construção de mundos negros possíveis.

Em *O afeto e a Idade Média*, o amor é abordado pelo historiador Marcelo Berriel sob uma chave crítica e historiográfica. O texto questiona a naturalização da chamada “herança medieval” brasileira, propondo uma descolonização dos afetos e uma crítica às idealizações eurocêntricas que ainda orientam nossa maneira de sentir e narrar vínculos.

O artigo *Amor e conflito: repercussões do divórcio na parentalidade em famílias negras* da psicóloga Débora Franco investiga os impactos do litígio conjugal sobre os vínculos afetivos entre pais e filhos. A partir da escuta de famílias negras em disputa por guarda compartilhada, o texto revela como o

racismo estrutural interfere nas possibilidades de uma parentalidade afetiva e comunitária.

Em registro ensaístico, o texto de Bruna Souza Ribeiro, Jaciara Cristina da Silva e Elisabete Figueroa dos Santos, *No paradigma do amor per si: a fuga como resistência* elabora a fuga como ato revolucionário de amor e reexistência, especialmente para mulheres negras. A partir de Beatriz Nascimento e bell hooks, o artigo afirma o conceito de amor per si como gesto de ruptura com as lógicas coloniais de subjugação e como via de reconexão com o próprio Ôrí.

Já o artigo *Afetos em movimento* de Helda da Silva Moreira Roque, Lucineia Chrispim Pinho Micaela e Elisabete Figueroa dos Santos analisa as narrativas de mulheres negras docentes que constroem relações afetivas marcadas pelo autocuidado, pela coletividade e pela recusa aos estereótipos da mulher negra como “forte”, “antimusa” ou “sem afeto”. O estudo destaca as estratégias afetivas que rompem com modelos eurocentrados e individualistas de relação.

No artigo *Bell hooks e Sobonfu Somé: pensando pertencimento e comunidade na diáspora e em África*, Halina Leal articula reflexões de duas pensadoras negras sobre pertencimento e amor como experiências coletivas. ASe para hooks a cultura do lugar é resistência ao patriarcado supremacista branco capitalista imperialista, para Somé o amor se enraíza na coletividade e nos rituais. Em ambas, o amor é um gesto político de pertencimento e reconexão.

No artigo *O amor pedagógico: bem-querer, afeto e precarização docente*, Regina Bonfim questiona a idealização do amor como requisito essencial à prática docente. A partir da antropologia das emoções, a autora argumenta que o discurso amoroso, embora envolto em nobreza, pode funcionar como mecanismo de precarização e exploração do trabalho de professores e professoras. O texto denuncia como essa expectativa afetuosa, reforçada pelo senso comum e por tradições religiosas, aprisiona o magistério em estereótipos que desvalorizam a profissão e obscurecem suas condições reais.

No artigo *O dispositivo-quilombo, o amar e a relação social*, Irapoan Nogueira-Filho propõe uma metodologia afrorreferenciada de pesquisa-intervenção que integra afetividade, ancestralidade e ética do cuidado como

fundamentos epistêmicos. A partir da *Biologia do Amar*, da *Psicologia Preta Brasileira* e das *Políticas de Cognição*, o autor formula o conceito de “dispositivo-quilombo” como prática metodológica comprometida com o fortalecimento das subjetividades negras e dos coletivos locais. A pesquisa deixa de ser mero instrumento técnico e se torna ação política, estética e comunitária. Amar, nesse contexto, é reconhecer o outro como legítimo outro – princípio fundamental de uma ciência comprometida com mundos negros possíveis.

No artigo *O Eros Decolonial: uma saída para o fim do mundo do desamor*, a autora Ana Flávia Eccard propõe o Eros como força afetiva capaz de reverter a crise das relações amorosas na contemporaneidade. Em diálogo com autores como Byung-Chul Han, bell hooks e Renato Noguera, o texto defende uma reinvenção do amor pautada em cosmologias ancestrais e coletivas, em oposição à ética individualista, patriarcal e capitalista do “amor escasso”. O Eros decolonial é apresentado como uma prática política e espiritual que rompe com a lógica da performance e do consumo afetivo, abrindo espaço para relações sustentadas na intimidade, na alteridade e na partilha.

Ainda no entrelaçamento entre epistemologias insurgentes e poéticas do amar, o artigo *Filosofia do Ser-tão para o transforAmar: amar e mudar as coisas me interessa mais* de Adilbênia Freire Machado propõe uma escrita tecida por afetos, encantamentos e perspectivas afroreferenciadas. Neste ensaio, a filosofia do ser-tão aparece como uma ética do pertencimento e da escuta sensível, convocando a encruzilhada como lugar sagrado de descolonização dos sentidos, dos saberes e dos modos de existir. Amar, aqui, é verbo político e gesto de cura; é filosofia comprometida com o bem viver e com a construção de mundos possíveis a partir de cosmopercepções afro-indígenas.

No artigo *(Re)unir fios de afeto: sobre o ato de tecer o amor com Christine de Pizan e bell hooks*, Alina Matos da Rocha propõe um diálogo sensível e filosófico entre a obra *A cidade das damas* (1405), da escritora medieval Christine de Pizan, e o ensaio *Vivendo de amor*, da intelectual afro-americana bell hooks. A autora costura reflexões sobre o amor como afeto vital na autoafirmação feminina, abordando a educação dos afetos como prática de resistência à opressão de gênero, classe e raça. Com base também nas contribuições de Audre Lorde e Alice Walker, o texto reivindica o amor interior como força transformadora, descolonizadora e pedagógica — uma pedagogia

afetiva que fortalece a subjetividade das mulheres, especialmente negras, contra a lógica patriarcal da negação e do silenciamento. O artigo se constitui como um exercício de escuta, encontro e reencantamento político e poético do amor como ação.

Fechando o dossiê, a resenha *Espírito da intimidade: caminhos ancestrais para se relacionar*, escrita por Renato Noguera, apresenta ao público brasileiro a nova edição da obra de Sobonfu Somé, lançada em 2025 pela Edições Sesc. Longamente aguardada, esta nova edição preenche uma lacuna editorial importante, já que a versão anterior estava esgotada há anos no país, mesmo sendo uma referência incontornável para estudiosos dos afetos e das cosmologias africanas. A obra propõe uma abordagem do amor como prática espiritual coletiva, ancorada em rituais e vínculos comunitários, contrastando com a visão ocidental que privatiza e instrumentaliza os afetos. Em tempos de brutalidade afetiva e liquidez relacional, *Espírito da Intimidade* emerge como um convite radical à reconexão com o invisível, os ancestrais e o bem-viver amoroso.

Este dossiê, portanto, é mais do que um conjunto de textos — é um manifesto pela pluralidade dos modos de amar. Frente ao colapso do modelo romântico-ocidental e à ascensão de experiências amorosas periféricas, insurgentes e contra-hegemônicas, os artigos aqui reunidos afirmam: amar é um saber, um fazer e um direito que precisa ser reconhecido em sua diversidade epistêmica, política e ancestral.

Adilbênia Freire Machado - UFRRJ

Débora Augusto Franco - Uerj

Elisabete Figueroa dos Santos - Unicamp

Luciana Pires Alves - Uerj

Renato Noguera - UFRRJ